

**Mayara Ruth
Nishiyama Soares**

Doutoranda em Psicologia
pela Universidade Federal
do Ceará (UFC), com bolsa
financiada pela Fundação

Cearense de Apoio ao
Desenvolvimento Científico
e Tecnológico (FUNCAP).

Professora da Faculdade
de Filosofia Dom Aureliano

Matos (FAFIDAM/UECE),
Limoeiro do Norte – CE,
Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2668-8822>, mayararnishiyama@gmail.com.

Luciana Lobo Miranda

Doutora em Psicologia pela
Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro
(PUC-RIO). Professora

Titular do Departamento de
Psicologia da Universidade
Federal do Ceará (UFC),
Fortaleza – CE, Brasil.

Bolsista Produtividade
CNPQ. <https://orcid.org/0000-0002-7838-8098>, lobo.lu@uol.com.br

**Marta Clarice
Nascimento Oliveira**

Graduada em Psicologia
pela Universidade Federal
do Ceará - UFC. Bolsista do
PIBIC na pesquisa guarda-

chuva do “Pasárgada:
Programa de Promoção
de Arte, Saúde e Garantia
de Direitos” durante
2023.2 - 2024.1. Bolsista do
Programa de Promoção

Diários-escrevientes: notas po(ética)s COM jovens pesquisadoras/es do seu cotidiano escolar

*Writing-living-diaries:
notes po(ethic)s WITH young researchers
on their daily lives at school*

Resumo: Analisa-se o uso de diários-escrevientes em uma pesquisa com jovens estudantes de uma região periférica de Fortaleza/CE. A ferramenta metodológica central foram os diários, que funcionam como elaboração e análise de acontecimentos sobre questões de gênero na vida escolar. A escrevivência exige relação intrínseca com a luta antirracista e feminista. Busca-se contribuir para os estudos sobre artes e Psicologia Social, com metodologias inter(in)ventivas na construção de uma pesquisa decolonial.

Palavras-chave: Escrevivência; Psicologia Social; Arte; Juventudes; Pesquisa-intervenção.

Abstract: The use of survivor-diaries is analyzed in a study with young students from a peripheral region of Fortaleza/CE. The central methodological tool was diaries, which function as an elaboration and analysis of events on gender issues in school life. The writing experience requires an intrinsic relationship with the anti-racist and feminist struggle. The aim is to contribute to studies on the arts

and social psychology, with inter(in)ventive methodologies in the construction of decolonial research.

Keywords: Writing-living; Social Psychology; Art; Youth; Research-intervention.

O seguinte relato tem como objetivo analisar o uso dos diários-escrevientes em uma pesquisa-inter(in)venção com jovens pesquisadoras/es em seu cotidiano escolar. Trata-se de um desdobramento de uma pesquisa de mestrado intitulada “A gente combinamos de escre(viver): Pesquisa gênero com estudantes numa escola pública do Grande Bom Jardim”, que traz, como campo de investigação, a articulação entre territórios escolares, gênero e escrevivência. É, pois, sobre o encontro entre Psicologia, arte e coletividade, lugar em que esta pesquisa acontece, que este artigo se debruça, partindo do desejo de criação de possíveis no registro e na memória da própria pesquisa.

Pensando a Psicologia enquanto área de saber, a arte emerge nesta história como uma possível ferramenta de trabalho, como algo a ser analisado e interpretado. No entanto, acreditamos que, para além dessas possibilidades, a arte pode mais do que traduzir e deve ser, nesse sentido, um dispositivo que engendra mundos, que amplia o sensível por meio da afetação e que propõe, com a estética, uma invenção com tudo aquilo que emerge do corpo, do desejo e da vida em suas múltiplas possibilidades. Ela surge como criadora de possíveis desconstruções estéticas, fomentando um caminho para a produção da diferença que escapa a uma ordem de pura representação. A arte, enquanto dispositivo, atravessa nosso campo na inserção que fazemos, nas práticas e nas posturas que compõem este relato, e, através da escrevivência, abre-nos

da Cultura Artística da
Sectult/UFC durante 2022
e 2023.1 no Projeto “Artes
Insurgentes: Coletivizando
Resistências”. Integrante
do Pasárgada e do
Laboratório em Psicologia,
Subjetividade e Sociedade
(LAPSUS). <https://orcid.org/0000-0002-3720-1418>,
martaclarice03@gmail.com

Bruna Ribeiro de Sousa
Graduada em Psicologia
pela Universidade Federal
do Ceará (UFC), foi
integrante do Laboratório
de Psicologia em
Subjetividade e Sociedade
(LAPSUS). <https://orcid.org/0009-0008-3293-1703>,
brunardesousa@gmail.com

**Alanna Maria
da Silva Sousa**
Graduada em Psicologia,
formada em Gestalt-terapia
pelo Instituto Fratelli,
bolsista PIBIC no projeto
“É da Nossa Escola que
Falamos, extensionistas
no mesmo projeto,
planotrista no Plantão
Psicológico do Laboratório
de Estudo em Psicoterapia,
Fenomenologia e
Sociedade”. <https://orcid.org/0000-0002-3720-1418>,
alannamariadss@alu.ufc.br

caminhos para a experimentação da vida de uma outra forma.

A investigação de que este escrito faz parte ancorou-se, teoricamente, no campo da Psicologia Social em seus estudos sobre juventudes, violências, territorialidades, arte e resistências, a partir de perspectivas epistemológicas que tensionam as formas de dominação contemporâneas, a atualização das tramas coloniais e os seus efeitos psicossociais, sobretudo na vida de juventudes e nas margens urbanas. Em aliança aos estudos pós-estruturalistas com perspectivas epistemológicas contracoloniais e descolonizadoras do saber, junto à lente atenta e sensível da interseccionalidade, realizou-se uma pesquisa-inter(in)venção com estudantes bolsistas e voluntários do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio do CNPq (PIBIC-EM) em uma escola pública de ensino médio, localizada no Grande Bom Jardim (GBJ), região periférica de Fortaleza/CE.

Por habitarmos esse território com as nossas construções e parcerias a partir de contatos realizados, desde 2018, por dois grupos¹ de pesquisa e extensão do curso de Psicologia da universidade a que nossa pesquisa é vinculada, esta surge como fluxo de uma composição já existente com coletivos da comunidade, construindo-se, assim, numa anterioridade que já habitava em nós enquanto pesquisadoras/es. Na perspectiva de destituir saberes hegemônicos de produção de conhecimento e potencializar os movimentos que já acontecem há anos, permanecemos em diálogo com os grupos de luta, os coletivos e as escolas da região. A aposta desses grupos da universidade é de tensionar e produzir, por meio da arte, da cultura da discussão, práticas coletivas de insurgência e criação de vida.

Essa experiência infla o peito nas inspirações de Conceição Evaristo (2020), com a Escrevivência, que parte da

escrita de mulheres negras como ponto central para a criação que transborda os preditos sobre os corpos que se encontram nessa teia. Com um engajamento antirracista e descolonial, que denuncia a condição feminina e afrodispórica, ela propõe uma experimentação da escrita que nasce da vida, das lembranças e das experiências entrelaçadas à ficção. Entendemos, nesse sentido, a escrevivência como uma possibilidade de fazer pesquisa com arte, à medida que ela surge como instrumento que confronta as amarras de dominação sistemáticas orientadas por um outro senso ético-estético-político.

A possibilidade de transgressão e ruptura da lógica colonial pulsa nessa construção, pois escrever é, nesse fluxo, dar vez “às versões mínimas, fragmentárias de vidas comuns, nem heroicas nem exemplares, de personagens em cujos percursos se conjugam situações advindas de sua condição social, racial e gênero” (Evaristo, 2017, p. 187). A escrevivência ganha vida não só nos escritos produzidos nos diários-escrevientes, que serão peças centrais no entorno dessa narrativa, mas também nas histórias contadas nos corpos, nas peles, nos sonhos, nas crenças, nos sorrisos e nos arrepios que atravessaram esta pesquisa-contágio e que versam sobre as questões de gênero na vida escolar.

Essa formulação de um diário de campo que se inspira nas escrevivências e, assim, se torna um diário-escreviente foi uma criação germinada no chão desta pesquisa. Segundo Conceição Evaristo (2020, p. 11),

[...] escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

[1] Refiro-me à nossa escola, vinculada à Pró-reitoria de extensão; e Artes Insurgentes, vinculado à Pró-Reitoria de Arte e Cultura da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Os diários-escrevientes implicam numa narrativização contaminada pelas experiências marginalizadas, denunciam as tramas necropolíticas de extermínio aos nossos corpos, estruturadas por uma lógica de precarização da vida, e trazem a possibilidade da escrita COM juventudes negras dissidentes de gênero e sexualidade sobre suas experiências em uma escola pública na periferia de Fortaleza. Desse modo, as/os autoras/es dos diários-escrevientes eram de algum modo pessoas marcadas por processos de marginalização que encontraram nos diários-escrevientes possibilidade de elaboração e implicação de suas condições. Além disso, a escrevivência se transmuta em seu potencial enunciativo de resistência e reivindicação política, urrando sob silêncios e conveniências que invisibilizam segmentos que têm, em si, atravessamentos de marcadores identitários, dentro e fora do contexto escolar.

Trata-se de ver a potência nas conexões, na arte, nas chamas de luta e mobilização política em um território à margem do centro de uma grande cidade, na educação e produção de saber que tem como base os saberes culturais negros. É importante destacar que o encontro entre escrevivência e universidade é perpassado por limites e possibilidades. Esta pesquisa é forjada apostando em uma dessas possibilidades, mas atenta para não ter práticas extrativistas de uma ferramenta ancestral de luta e de resistência que se fundamenta em epistemologias e vivências negras. Desse modo, há linhas, palavras, frases, letras, espaço, tempo, acontecimento, narrativa, que a academia nunca acessará, pois a escrevivência não foi feita na/da/para a academia. Nesse sentido, inspiramo-nos na escrevivência, com muito cuidado, atenção e reverência. A pesquisa forjada aqui não é voltada para a apropriação, para a mercantilização, mas para o compartilhamento.

É o saber compartilhado (Santos, 2018). A atitude poética) desta pesquisa reside, logo, na tentativa de respeitar as vozes que escutamos ou lemos e honrar as trajetórias das que aqui nos confiam suas histórias e escritos. É nosso interesse contribuir com as forças que se erguem contra as históricas formas de opressão e violência que sofrem os corpos dissidentes e negros, bem como, coletivamente, construir espaços de criatividade e potência, em ressonância às já existentes expressões de resistências experimentadas por esses corpos. Desse modo, pretendemos contribuir para os estudos sobre artes e psicologia social, pensando o uso da escrevivência através de metodologias inter(in)ventivas e participativas na construção da pesquisa decolonial com juventudes.

O entre Pesquisa-inter(in)venção e Pesquisar COM

A presente investigação foi orientada pela perspectiva da pesquisa-inter(in)venção aliada ao Pesquisar COM. Tal perspectiva se encontra no âmbito das pesquisas participativas em Psicologia Social, e essa reescrita, de invenção ao invés de intervenção, vem para marcar o caráter inventivo da pesquisa, tanto por se aliar com a arte com o seu potencial criativo, quanto pela prática micropolítica de invenção de mundos outros. Ao contrário de uma lógica de extorsão de dados, apostamos em um agenciamento entre pesquisador e pesquisado que perfura esses limites e inventa um modo de pesquisar, sustentando um viés crítico à construção de conhecimento hegemônico e valorizando as (im) possibilidades dos comos (Costa; Barros, 2020).

Neste trabalho, os sujeitos da pesquisa encontram-se na posição de copesquisadoras do seu microcosmo escolar. Desse modo, inspiradas nas pistas de Moraes (2014), estamos propondo

um pesquisar COM, que entende o outro como um sujeito agente da pesquisa e não como objeto passivo de nossas ações, de forma que os desvios da investigação são tomados como analisadores importantes e podem anunciar novas e interessantes versões de mundo; assim, por entender que pesquisar e intervir são inseparáveis, não pretendemos representar, mas fazer do próprio ato de pesquisa uma ação de produzir o campo, ou seja, pesquisar, aqui, “é performar certos mundos, é delinear fronteiras, fazer movê-las, alargá-las e problematizá-las” (Moraes, 2014, p. 132). O pesquisar COM nos auxilia na produção de um comum, pensando no fazer pesquisa como uma composição que acontece em conjunto, uma mobilização do poder coletivo heterogêneo de narrativas que, embora em muito se diferenciem, se potencializam com o que é comum.

Território da pesquisa

Esta pesquisa aconteceu em uma escola pública de Ensino Médio localizada na região do GBJ, situada à periferia de Fortaleza/CE, que aglutina cinco bairros: Bom Jardim, Siqueira, Canindézinho, Granja Lisboa e Granja Portugal. Ao mesmo tempo que o GBJ é uma região de significativo extermínio das juventudes negras e violência policial, é também um lugar que possui diversos equipamentos culturais e organizações sociais, bem como é palco e moradia para diversos artistas e coletivos juvenis. Desse modo, o GBJ tem um histórico de organização e resistência que é exemplo para a cidade.

Ao mesmo tempo que há um território marcado pela pobreza, criminalização, desigualdade, dentre outras opressões e violências impostas, há, também, lá um palco de sujeitos, habitantes de um território vivo, de onde diversas linguagens

artísticas emergem. Partimos do entendimento de territorialidades periféricas como localizações geopolíticas marginalizadas que produzem narrativas contra-hegemônicas coletivas e polifônicas (Takeiti; Vicentin, 2019). Acenamos para as poéticas e os saberes localizados que acontecem às margens produzindo fissuras e rasgos nas identidades estereotipadas normalmente conferidas à periferia.

Sujeitos da pesquisa: Grupo de pesquisadoras/es

Ao longo de um ano de investigação, compuseram o grupo de pesquisadoras/es oito pessoas: uma mestrandona em Psicologia, mulher negra e bissexual; três estudantes da graduação em Psicologia, todas bissexuais, sendo destas duas brancas e uma negra; e quatro secundaristas, dois destes bolsistas PIBIC-EM. Dentro os pesquisadores secundaristas, encontrava-se um homem negro gay, duas mulheres negras, uma lésbica e outra bisexual, e uma mulher branca lésbica. As/os participantes tinham idade entre 15 a 24 anos. Todas nós tínhamos nossas singularidades e especificidades, víhamos de e ocupávamos lugares diferentes, mas, de alguma forma, éramos jovens marcadas pelas estruturas de poder, fosse de gênero, fosse de sexualidade, fosse de raça, pois, em maioria, nos autodeclaramos enquanto negras/os, mulheres cis e pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+. Destacamos que as pesquisadoras-universitárias são as mesmas que produzem este artigo.

Ferramentas metodológicas

A ferramenta metodológica que optamos por centralizar neste relato foi a análise dos diários-escrevientes produzidos ao longo desta pesquisa. Estes, tal qual Medrado *et al.* (2014)

apontam, funcionaram como elaboração e atuação do/para/com o campo, dessa forma, à medida que dialogamos com esse diário, construímos relatos, dúvidas, impressões e, assim, fomos produzindo a pesquisa. A partir de Conceição Evaristo (2016), os diários de campo se tornaram diários-escrevientes e ultrapassaram um registro de pesquisa, tornando-se um registro das entranhas de um grupo de pesquisadoras/es, um registro da vida. Essas materialidades foram produzidas logo no início dos encontros do grupo e foram construídas à mão, costuradas, coladas, recortadas, levando consigo um pouco de cada pesquisador e da intersecção de estar nesta empreitada, fazendo pesquisa COM. Cada participante do grupo tinha o seu diário-escreviente, de modo que os encontros de pesquisa sempre eram iniciados com uma abordagem do que havia sido colocado durante a semana nessas materialidades. Assim, diante do que se pensava sobre o fazer pesquisa e do que se afetava pela própria condição de existir em um corpo que destoa, os diários traziam muito e se colocavam em ato naquele espaço.

Análise de dados e questões éticas

A análise de dados se deu a partir da Análise Cartográfica operada sob um viés interseccional. Isto significa deixar aparecer as diversas vozes que compõem o fenômeno a partir do acompanhamento de processos e fluxos presentes no campo. Ademais, essa perspectiva possibilita tomar a realidade como algo mutável, e, nesse sentido, fora de uma perspectiva representacional (Barros; Barros, 2013). Apostamos em uma análise implicada também pela interseccionalidade, considerando-a como a “conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (Crenshaw, 2002, p. 177), sendo

entendida como uma estratégia e uma atitude de análise.

A viabilidade da execução dos procedimentos metodológicos desta pesquisa se insere no desenvolvimento da pesquisa guarda-chuva intitulada “Cartografia de práticas culturais periféricas do cotidiano de coletivos juvenis na cidade de Fortaleza”, submetida – e aprovada – ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da universidade em que essa pesquisa se dá, com registro do CAAE: 38817520.2.0000.5054 e Parecer nº 4.470.814. Neste artigo, optamos por centralizar nossas análises e discussões no primeiro dia da formação do grupo de pesquisadoras/es, o dia da feitura dos diários-escrevientes. Logo, traremos para o *corpus* de análise as capas e contracapas construídas, costuradas, pintadas e coladas neste dia, pois apostamos que estas já demarcam as potencialidades que objetivamos neste artigo.

Diários-escrevientes:

A criação e escrita daquilo que fala de nós

Essa pesquisa é tecida com a costura, com a linha e a perfuração, tanto na produção física de nossos diários-escrevientes, quanto nos movimentos e caminhos tomados com nossos corpos, nos encontros com rígidas superfícies e também nas difíceis vias encontradas na experiência de viver. Somos agulha pulsante no mundo, irrompendo, com linhas contrastadas, muros de concreto pensados para nos conter. Evaristo (2017) coloca a escrita como uma maneira de sangrar, muito e muito. A utilização de diários-escrevientes como ferramenta trouxe, nesse sentido, aspectos de implicação sensíveis e corpóreos das/dos pesquisadoras/es com o campo estudado e ampliou as possibilidades de registro, linguagem e afetação, influindo numa lógica que traz, através da escrevivência, escancarada nessas materialidades



Figura 1. Diário-escrevientes. Fonte: Arquivo dos autores.

e nas pessoas que compõem esse momento, um processo de enunciação de si, do outro e do que atravessa essa relação, de maneira vibrátil e sensível.

Quando imaginamos o diário de campo de nossa pesquisa, não queríamos um registro que não dissesse de nosso contato com a arte. Ao contrário desejávamos uma materialidade que carregasse, desde o seu cerne, nossos aviamentos, nossas visões, nossos caminhos. A ideia surgiu em uma reunião de planejamento nessa tentativa de transbordar as afetações com mãos e rabiscos, para além de registros duros acerca do campo em que se propunha expressar os acontecimentos sobre questões de gênero no território escolar.

A escrevivência emergiu nesse momento, quando perfuramos cada espaço, quando quebramos palavras e montamos novas letras, desarmônicas, agenciadas pelo desejo de compor com o diferente. Na sobreposição entre colas, contágios, lágrimas e sorrisos, surge um novo, uma invenção que diz de cada um que compõe essa pesquisa. Para Borges (2020), a escrevivência é um princípio conceitual-metodológico que pode suportar as narrativas dos excluídos, à medida que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história, enquanto ferramenta, morada e instituinte do humano. Assim, construímos de forma artesanal os nossos diários-escrevientes para podermos falar de nós, para dizermos, por meio da arte e da nossa sensibilidade incrustada no ato, que era possível tecer não só um diário, mas um caminho para o corpo marginalizado que é de potência e vida. Na pesquisa sobre gênero e cotidiano escolar que estava se iniciando COM o PIBIC-EM, apostamos na centralidade dos diários-escrevientes como narrativa da pesquisa.

Da mesma forma que a linha, o corpóreo irrompe superfícies

lisas, colore com linhas e recortes diversos de si, dos desejos e das angústias, um mundo que não é pensado para nós, mas que, com cola, liga, ruma, pode pisar duro com a delicadeza da arte,

O primeiro encontro do PIBIC-EM se dividiu em três momentos. Primeiro discutimos um pouco sobre o que era um diário de campo, desde o uso que fazíamos durante nossas infâncias e do diário como um lugar de escrita segura. Como também levamos recortes de artigos que abordassem nossa perspectiva do diário de campo como ferramenta para nossas pesquisas. Falamos também sobre aspectos históricos e sobre nossas experiências anteriores com esse uso. Depois, partimos para a “mão na massa”. Esse momento durou horas, poderíamos passar o dia todo ali, pegando as revistas, cortando, colando, desenhando, pintando. Fomos passando as folhas das revistas e algumas notícias chamavam atenção, algumas reportagens sobre feminismos, outras sobre *serial killers*, e fomos mexendo e partilhando o que havíamos colocado (Diário-escreviente, 26/09/2022, Mayara).

afirmando que a vida também é cabível para nossos corpos.

Producir esses diários com a ética da escrevivência diz de um desejo de experimentar a vida de modo mais sensível e, também, disruptivo, pois a “escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera” (Evaristo, 2020, p. 35). Esse processo de narrativa é mais do que uma experimentação com a estética na própria materialidade, sendo, sobretudo, uma invenção da vida. Uma vida que é possível, que, por muito, foi negada e que carece de ser escrita de outros modos, agenciando percepções e afetações que mobilizam cada um de nós, nossos corpos, suas diferenças, e cada potência encontrada nesse entremedio, insurgindo frente aos vetores de força mortificantes, centralizadores e excludentes que



Figura 2. Diário-escreviente de Mayara. Fonte: Arquivo dos autores.

querem nos apagar.

Na parte de cima dessa capa do diário-escreviente (Figura 2), há recortes de uma revista de uma comunidade, uma quebrada, um morro, uma periferia, a qual muito se assemelha visualmente com o GBJ, com suas casas sem reboco e com os tijolos à mostra, caixas d’água aparentes, árvores e duas mulheres negras. Fazer pesquisa à margem conflui com a escrevivência de Conceição Evaristo (2020) cujos escritos surgem a partir da experiência pessoal e da investigação de seu entorno, com um profundo incômodo e revolta diante das opressões que permeiam o cotidiano. Nesta experiência, defendemos, sim, uma arte que vê potência inventiva nessa margem, numa perspectiva que não só visualiza um processo de marginalização produzido pelo Estado em dado território, mas



Figura 3. Diário-escrevivente de Isaac. Fonte: Arquivo dos autores.

também que encontra proficuidade nas teias de vida contracentro referenciadas, que ativamente são pensadas e construídas na favela. Esse uso “faz com que fissuras sejam produzidas na lógica, tornada dominante, de uma periferia que deve ficar no lugar onde está” (Lacaz, Lima; Heckert, 2015, p. 64).

Pensando na arte em seu potencial descolonizador, na contracapa, Mayara coloca a imagem do mapa-múndi de ponta-cabeça, subvertendo essa lógica norte-sul, essa diferença colonial que está para além de geográfica, que é baseada na desumanização, subjugação e hierarquização racial, geográfica, cultural, subjetiva, política, etc., que instaura o colonialismo como um sistema de dominação e exploração material e simbólica, e a colonialidade como a perpetuação desse sistema mesmo após o suposto fim das

ocupações coloniais (Ballestrin, 2013).

“Não, eu falo na próxima” (Fala transcrita, 26/09/2023, Isaac). Quando chegou o momento de Isaac, bolsista PIBIC-EM, explicar o que havia colocado como capa e contracapa de seu diário-escrevivente, ele preferiu não fazê-lo. Essa próxima nunca aconteceu, não voltamos a perguntar o porquê de ele haver colocado “FOGO NOS RACISTA” (Figura 3). Hoje acreditamos que essa colocação não precisa de um porquê. Curioso pensar que, na primeira expressão da escrevivência numa pesquisa sobre gênero ele tenha colocado essa frase, reiterando, mais uma vez, que pesquisar sobre gênero não pode ser só sobre gênero, pois que precisa, inevitavelmente, interseccionar-se com raça. Escrever “fogo nos racista” denota as implicações que a experiência de ser um jovem estudante negro produz: parecia ser um grito de algo que precisava sair.

Fanon (2005) afirma que a descolonização é um projeto de desordem total, uma vez que tem como horizonte radical a destruição de todos os regimes, de estruturas de poder instauradas pela colonização. Não se trata de encontrar um consenso, ajustar o mundo e conformar a diferença colonial num arranjo pacífico. A situação colonial não permite conciliação, porque é sempre assimétrica; ela se funda na violência do colonizador contra as gentes colonizadas e se sustenta no estabelecimento e na manutenção de uma hierarquia fundamental perante a qual o colonizado pode apenas existir aquém do colonizador. Não há negociação ou reforma possível, portanto. A única possibilidade, somente, é a revolução, o fim deste mundo que conhecemos (Mombaça, 2021). Este mundo, forjado e sustentado em uma ética racista, cisheterossexual, patriarcal e moderna/colonial, nunca nos foi suficiente, nele nunca coubemos. E a destruição deste

mundo começa com a imaginação.

Outro diário que trouxe essa aposta na revolução/imaginação foi o de Marta (Figura 4):



Figura 4. Diário-escrevivente de Marta. Fonte: Arquivo dos autores.

Eu coloquei a revolução com arte, porque é como eu acredito como ferramenta, como forma de subjetivação, é a minha forma (...) Ai eu coloquei essa frase que eu achei legal (A juventude configura um universo social descontínuo e em constante transformação) e coloquei que é por deslize, por que é pela diferença, pelo erro, eu acredito muito nisso, que é isso aí que vai produzir alguma coisa outra que fuja ao normativo, ai botei aqui atrás um mapa de desequilíbrio, por que na mesma ideia é pelo desequilíbrio, pela oposição que a gente faz alguma coisa diferente, aí botei um céu, fiz um negócio meio rizomático (Fala transcrita, 26/09/2023, Marta).

"Se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe

um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo" (Evaristo, 2020, p. 53). E é nesse sentido, pela escrita arraigada de si, experimentada aqui por meio dos diários-escrevientes, que se produzem, também, modos de resistir e de (re)existir. Há o surgimento de uma via possível para a quebra, produzindo rachaduras e destacando os tantos nós que compõem redes estratificadas de morte e precarização evidenciadas na atualidade. Em outros termos, é a partir dessas encruzadas que linhas que fogem ao estabelecido saltam neste diagrama, rompendo com lógicas hegemônicas e coloniais que ditam discursos sobre corpos e histórias, há anos, na estruturação de uma sociedade capitalista, violenta e excludente com tudo aquilo que foge ao centro, à norma.

Ai eu tentei grifar o COM, por que é o que a gente tá fazendo nessa pesquisa, no encontro né? (...) e coloquei aqui eu quero fazer parte disso, porque é pelo desequilíbrio e pelo encontro que a gente tá tendo aqui, que eu quero fazer parte (Fala transcrita, 26/09/2023, Marta).

Nossa pesquisa COM se faz no encontro, entendendo-se como um processo que dilui as dicotomias pesquisador/objeto e ativo/passivo no processo de investigação.



Figura 5. Diário-escrevivente de Bruna. Fonte: Arquivo dos autores.

Bom nessa capa, primeiro eu tava procurando frases ou palavras que despertassem alguma coisa em relação à pesquisa aí eu vi esse (conectar para não morrer) e quando eu vi, pronto, esse é o título do meu diário, por que é isso né, é essa união e seguir firmes na luta por que individualmente não chegamos em lugar nenhum, e coloquei "vamos nos levantar, romper". (Fala transcrita, 26/09/2023, Bruna).

Bruna aborda este fazer COM, mas principalmente aborda um lutar COM (Figura 5). A noção de aliança, que parte de Judith Butler (2018), é entendida enquanto uma política de habitação no mundo, em que diferentes grupos e corpos precarizados, unidos no espaço público e no compartilhamento de vidas vividas, mesmo quando não reconhecidas assim, são uma chave analítica na produção de um comum. Trata-se de pensar a pesquisa articulada ao conceito de aliançamento de Butler (2018), segundo o qual a condição precária a que populações (alvos) estão submetidas deve ser um comum revolucionário. Desse modo, acreditamos no encontro que se faz na composição, uma mobilização do poder coletivo heterogêneo de narrativas que, conquanto em muito se diferenciem, se potencializam com o que é comum: a produção de alianças coletivas para o enfrentamento de contextos de opressão que minam a produção de resistências.

Segundo Conceição Evaristo (2020, p. 11):

Se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujaça da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não.

Desse modo, Conceição também agencia uma mobilização política que é coletiva – ao narrar sobre as escrevivências, ela utiliza a primeira pessoa do plural: nós.



Figura 6. Diário-escreviente de Malakai. Fonte: Arquivo dos autores.

“Bom, eu não fiz algo assim pensado, só fui colando o que eu achei interessante, que foi a arte da psicologia, alguma coisa assim, eu só fui colando mesmo e botei uma frase e foi isso” (Fala transcrita, 26/09/2023, Malakai, bolsista PIBIC-EM) (Figura 6). A produção dos diários-escrevientes foi um convite, um convite à experimentação com a arte. Na abertura à experimentação, a arte faz conexão com muitas origens e destinos possíveis, sendo instrumento pulsátil de afetação e insurgência. Produz-se, com a arte, um sabor de existir que não se repete, que amplifica os caminhos de experimentação com a vida, com as narrativas e com os sujeitos e seus modos, e que é central na experiência de apropriação e invenção

construída ao longo dessa imersão.

Poder escrever, desenhar, costurar, colar e irromper planos materializa-se na figura do diário-escrevidente, mas expande-se para além do que é de papel. Evaristo (2020) traz sobre isto que:

[...] a escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. (2020, p. 34)

Experimentar através da arte, por meio da escrevivência, abre espaço para expandir o sabor de se viver de outras formas, com uma força de disruptão muito potente em um contexto necropolítico de extermínio a vidas que, para o Estado, são cada dia mais categorizadas em um *status* de mais ou menos valorosas. Para Mbembe (2018), a máxima soberania do Estado reside no poder de definir a vida ou a morte de corpos a partir dessa lógica, que, por meio do poder, reconfigura as relações sociais da contemporaneidade. Engajar-se em um processo artístico é colocar-se diante da possibilidade de inventar e criar. Nesta pesquisa, fizemos com a artes, apostando na experimentação.

Considerações Finais

Os diários-escrevientes fortaleceram a pesquisa e nos permitiram experimentar uma linguagem que ia para além da grafia. Estes diários não continham somente palavras, mas também desenhos, rabiscos, pinturas, imagens, costuras, colagens, diversas materialidades artísticas que se (entre) cruzam e fazem do dizer um caminho de muitas perspectivas. Materializar no diário-escrevidente a experiência da pesquisa se alinha ao combinado ecoado por Conceição Evaristo (2017) no seu conto, no livro *Olhos d'água*, em que eles combinaram de nos matar, e a gente combinamos de não morrer, pois rompemos com uma simples descrição ou um relato de acontecimentos da investigação e produzimos vida, tornando-o ator/atuante que permite a conjugação de fluxos de agenciamentos coletivos muito importantes num processo inventivo de produção.

Tecer as linhas do papel foi um movimento concreto, físico e corporal da escrevivência. Na linha que saltava entre pontos, nos rasgos de papel, no caminho que foge à própria expectativa da perfeição, destruímos um roteiro. Experimentamos contar uma nova história, tecer uma nova vida, reivindicando, assim, a narrativa que gostaríamos de enunciar nesse processo. Complexificando os saberes e as práticas no campo da Psicologia, essa experiência conta sobre as apostas feitas ao longo de percursos, durante a academia, que resultaram em produção de conhecimento, cuidado e invenção de vida. Apostas que viram, na criação, na diferença e na produção contracentro referenciada, modos de produzir em conjunto múltiplas formas de insurgência frente às mortificações sistêmicas. Essas apostas surgem de um saber que questiona suas bases e vê potência na invenção que a arte, enquanto campo, enquanto ética e enquanto dispositivo, pode possibilitar.

REFERÊNCIAS

- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira De Ciência Política**, v. 11, p. 89–117, 2013.
- BARROS, L. M. R. de; BARROS, M. E. B. de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal**, Rev. Psicol, Rio de Janeiro, 25(2), 373-390. 2013.
- BORGES, R. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I.R. (Orgs.). **Escrevivência em Conceição Evaristo**: armazenamento e circulação dos saberes silenciados, 1^a edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 183-204.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16^a ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018.
- COSTA, E. A. G. DE. A.; BARROS, J. P. P. Intergeracionalidades em análise: (re)composições ético-estético-políticas em pesquisas-inter(in)venções com crianças e adultos. **Revista Desidates**. número 28. 2020.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- EVARISTO, C. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I.R. (Orgs.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1^a edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-47.
- EVARISTO, C. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, C. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Editora UJFJF: Juiz de Fora, 2005.
- LACAZ, A. S.; LIMA, S. M.; HECKERT, A. L. C. JUVENTUDES PERIFÉRICAS: ARTE E RESISTÊNCIAS NO CONTEMPORÂNEO. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 58–67, jan. 2015.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MEDRADO, B., SPINK, M. J., MÉLLO, R. P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, M. J. P.; BRIGAGÃO, J. I. M.;
- NASCIMENTO, V. L. V.; CORDEIRO, M. P. (orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 274-294, 2014.
- MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Cobogó: Rio de Janeiro, 2021.
- MORAES, M. Do pesquisarCOM ou de Tecer e Destecer fronteiras. In: Bernardes, A.; Tavares, G. & Moraes, M. **Cartas para pensar**: políticas de pesquisa em psicologia. Vitoria: EDUFES. 2014.
- SANTOS, A. B. **Somos da terra**. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 12. 2018.
- TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp. 2019.